

ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

ANTROPOFAGIA, TEMPO E DÍVIDA

Anthropophagy, time and debt

Ana Paula Gorni Bittencourt*

 <https://orcid.org/0009-0003-7779-1728>

Resumo: Este artigo aborda a relação entre a dívida e a temporalidade no pensamento de Oswald de Andrade a partir da interlocução do pensamento do autor com a obra de Nietzsche, especialmente a Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*. Para isso, serão discutidos alguns aspectos do papel da relação credor-devedor na ascensão da má-consciência na perspectiva nietzscheana, processo que possui convergências com o que Oswald de Andrade denominou de “queda”, ou passagem do Matriarcado ao Patriarcado. Um dos objetivos deste trabalho é, portanto, elucidar a relação espaço-temporal como critério da classificação cultural oswaldiana entre matriarcado e patriarcado, considerando que o modo como essa relação é estabelecida passa pela relação credor-devedor. O patriarcado, que é caracterizado pela cultura messiânica e individualista, é definido como expressão social do ser humano em seu estado de negatividade. A negatividade do ser humano é, para Oswald de Andrade, a quarta dimensão do cosmos: o próprio tempo. Também corresponde à quarta dimensão uma propriedade devorativa restritiva que se opõe à propriedade devorativa da dimensão positiva, que é a dimensão espacial. Ao contrário da devoração negativa, a antropofagia (ou devoração positiva) teria a propriedade de transformar permanentemente o tabu em totem- o negativo em positivo. Como contraponto ao desvio do sentido da dívida que configura o patriarcado, é possível identificar o ócio, a arte e o vínculo com a terra.

Palavras-chave: Antropofagia; Espaço; Tempo; Dívida; Matriarcado.

Abstract: *This paper presents the relationship between debt and temporality in the thought of Oswald de Andrade based on the dialogue between the author's thought and Nietzsche's work, especially the Second Dissertation on the Genealogy of Morals. To this end, some aspects of the role of the creditor-debtor relationship in the rise of bad conscience from a*

*Mestra em Filosofia pelo PPGFIL-UFRRJ. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Nietzschean perspective will be discussed, a process that has similarities with what Oswald de Andrade called the “fall”, or the passage from Matriarchy to Patriarchy. One of the objectives of this work is, therefore, to elucidate the space-time relationship as a criterion of the Oswaldian cultural classification between matriarchy and patriarchy, considering that the way in which this relationship is established goes through the creditor-debtor relationship. Patriarchy, which is characterized by messianic and individualistic culture, is defined as a social expression of human beings in their state of negativity. The negativity of the human being is, for Oswald de Andrade, the fourth dimension of the cosmos: time itself. Also corresponding to the fourth dimension is a restrictive devouring property that opposes the devouring property of the positive dimension, which is the spatial dimension. Unlike negative devouring, anthropophagy (or positive devouring) would have the property of permanently transforming the taboo into a totem - the negative into positive. As a counterpoint to the deviation from the sense of debt that configures patriarchy, it is possible to identify leisure, art and the connection with the land.

Keywords: *Anthropophagy; Space; Time; Debt; Matriarchy.*

Introdução

Em “A Crise da Filosofia Messiânica”, Oswald de Andrade propõe uma forma de categorizar as sociedades em “matriarcais”, que possuem culturas antropofágicas, e “patriarcais”, que possuem culturas messiânicas. Essa classificação cultural é também utilizada pelo autor como referência para o desenvolvimento de uma interpretação da história mundial dividida em ciclos que se alternam entre coletivistas e individualistas. Este trabalho pretende abordar a relação entre a dívida e a temporalidade no pensamento do autor a partir da interlocução do seu pensamento com a obra de Nietzsche, especialmente a Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*. Para isso, serão discutidos alguns aspectos do papel da relação credor-devedor na ascensão da má-consciência na perspectiva nietzscheana, processo que possui convergências com o que Oswald de Andrade denominou de “queda”, ou passagem do Matriarcado ao Patriarcado. Um dos objetivos deste trabalho é, portanto, elucidar a relação espaço-temporal como critério da classificação cultural oswaldiana entre matriarcado e patriarcado, considerando que o modo como essa relação é estabelecida passa pela relação credor-devedor. O patriarcado, que é caracterizado pela cultura messiânica e individualista, é definido como expressão social do ser humano em seu estado de negatividade. A negatividade do ser humano é, para Oswald de Andrade, a quarta dimensão do cosmos: o próprio tempo. Também corresponde à quarta dimensão uma propriedade

devorativa restritiva que se opõe à propriedade devorativa da dimensão positiva, que é a dimensão espacial. Ao contrário da devoração negativa, a antropofagia (ou devoração positiva) teria a propriedade de transformar permanentemente o tabu em totem- o negativo em positivo.

É possível identificar duas inversões que estão intrinsecamente ligadas na filosofia genealógica nietzscheana e que serão consideradas aqui. A primeira é a inversão das relações de forças em um corpo, em que as forças ativas invertem a relação de subordinação com as forças reativas, que passam a comandar. Essa inversão corresponde ao tipo “baixo” ,“vil” “escravo” ou “reativo”. A outra inversão acontece em um nível social, quando tipo reativo começa a criar valores, que corresponde ao triunfo das forças reativas, à passagem da cultura pré-histórica à história. A essas duas inversões está relacionado o movimento pelo qual a história inverte também sua relação com a vida, deixa de estar a serviço da vida, da ação, de um “poder a-histórico”, e passa a comandá-la. Em *Segunda Consideração Intempestiva-sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche caracteriza esse movimento como um desvio no sistema mnemônico, em que a memória passa a inibir a faculdade ativa do esquecimento, e com isso a ação. Na *Genealogia da Moral*, a questão da memória e do esquecimento também é abordado por Nietzsche, que atribui ao tipo nobre a capacidade ativa de esquecimento, enquanto o fortalecimento da memória é relacionado ao ressentimento e à vingança do tipo reativo. Em qualquer caso, o desenvolvimento da memória tem origem na relação credor-devedor, e seu desvio de função, que caracteriza o ressentimento, também passa por um desvio que se dá nessa relação.

Na Segunda Dissertação de *Genealogia da Moral*, intitulada “*Culpa*”, “*Má Consciência*” e *Coisas Afins*, Nietzsche identifica na relação credor-devedor a origem de todas as organizações sociais, em que o ser humano se expressa como o animal que estabelece preços, mede valores, imagina equivalências, e que troca¹. Enquanto elemento pré-histórico da cultura, essa relação se manifesta como um meio que possui como produto o homem capaz de prometer e de cumprir suas promessas. A relação credor-devedor surge, então, como o meio pelo qual o ser humano cria uma memória, que é a da promessa, e pelo qual ele dispõe de um futuro. Sendo apenas meio, destina-se ao desaparecimento quando surgir o homem

¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia de Bolso (Ebook versão Kindle), 2009, p. 45. (Segunda Dissertação, 5).

soberano, capaz de responder por si e de prometer. Essa relação é o fundamento e a origem das relações econômicas de troca e venda, das relações entre os indivíduos e a comunidade e entre a comunidade e seus ancestrais. Também é a origem da justiça e de suas variações desde a pré-história, além de marcar a relação entre o povo e o Estado.

Ainda na Segunda Dissertação, Nietzsche expõe um desvio de sentido da dívida, que deixa de ser um meio e passa a se intensificar, formando dívidas que são impagáveis. Esse desvio passa principalmente no interior da relação entre o indivíduo e a comunidade, culminando na formação do Estado, e pela relação entre a comunidade e seus antepassados. Nessa última estaria possivelmente a origem dos deuses, até chegar ao seu ápice na crença cristã do Juízo Final, em que a dívida, em vez de ser saldada, se aprofundaria ao máximo, tornando-se impagável. O desvio da relação credor-devedor é a origem da “má consciência”, da consciência de culpa e da transformação da justiça em vingança. Ele é caracterizado pela introversão dos instintos e, com a ascensão do cristianismo, pela introversão do sentido do próprio ressentimento através da introversão da dívida.

O desvio de sentido da relação credor-devedor é resultado do triunfo das forças reativas, que teria acontecido quando o ponto de vista do prejudicado passou a predominar e o tipo reativo passou a criar valores. O triunfo das forças reativas é sustentado por uma ficção da qual depende a culpabilização, de si mesmo e da vida, e que participa da formação da criação da metafísica e das crenças que depreciam a existência. Essa ficção é a ficção do sujeito, da crença em uma intencionalidade que se separa da própria manifestação da força, que é ação. Essa é a ficção do livre-arbítrio, que pressupõe que a força teria liberdade para não ser o que ela é, tornando a vida responsável, culpabilizável. A crença no pecado original, presente em diversas religiões, inclusive a a grega, a judaica e a cristã, assim como a crença no juízo final dependem dessa ficção para existirem.

Para discutir o papel da relação credor-devedor no surgimento e na ascensão do que Nietzsche chamou de “má consciência”, serão considerados, principalmente, dois aspectos: seu vínculo com a temporalidade -memória e projeção do futuro; e sua transformação em ficções através das quais as forças reativas triunfam: as dívidas insaldáveis, entre elas a do Juízo Final. Pretende-se analisar como as ficções que possuem a dívida como fundamento inibem a ação das forças ativas e como a má consciência se contrapõe à arte e ao ócio. A oposição entre arte e má consciência fica explícita quando Nietzsche afirma, em *Segunda*

Consideração Intempestiva que a História, em determinado sentido, é o oposto da arte. A escolha de pensar essa oposição em uma abordagem da má consciência a partir da dívida deve-se à relação entre a má consciência e o sentido histórico na modernidade, que pode ser interpretada como uma subversão da relação credor-devedor. Para analisar o ócio, será considerada a abordagem de Oswald de Andrade e algumas de suas interlocuções com o pensamento de Nietzsche.

Dívida e má consciência

A má consciência é definida por Nietzsche como “a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu — a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz”². A mudança à qual Nietzsche se refere está, como ele discute na Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*, relacionada intimamente com um desvio que se deu na relação credor-devedor. A paz, como será discutido mais adiante, é uma das expressões da introversão dos instintos e decorre de uma alteração no âmbito da relação de dívida dos indivíduos com a comunidade que acontece com a formação do Estado. A má consciência também coincide com sentimento de culpa, cuja ascensão coincide com a ascensão do cristianismo e com o aprofundamento da dívida com a divindade.

A relação credor-devedor é definida na *Genealogia da Moral* como a origem da forma mais primitiva de relação pessoal, da qual derivaram todos os complexos sociais. As relações econômicas, de venda, troca, crédito e débito são identificadas como a expressão do homem como “animal avaliador”, “que mede valores, valora e mede”:³

Comprar e vender, juntamente com seu aparato psicológico, são mais velhos inclusive do que os começos de qualquer forma de organização social ou aliança: foi apenas a partir da forma mais rudimentar de direito pessoal que o germinante sentimento de troca, contrato, débito [Schuld], direito, obrigação, compensação, foi transposto para os mais toscos e incipientes complexos sociais (em sua relação com complexos semelhantes), simultaneamente ao hábito de comparar, medir, calcular um poder e outro.⁴

² *Ibidem*, p. 57. (Segunda Dissertação, § 16).

³ *Ibidem*, p. 45. (Segunda Dissertação, § 6).

⁴ *Ibidem*, p. 45-46. (Segunda Dissertação, § 6).

No período pré-histórico da humanidade, a relação credor-devedor corresponde a um meio pelo qual a cultura dota o ser humano de memória e o faz dispor coletivamente de um futuro, criando um animal capaz de fazer promessas. Nesse caso, trata-se, de acordo com Nietzsche, de uma memória da vontade, engajada no futuro, que é o cumprimento da promessa. Nesse momento pré-histórico, a memória ainda não inibiria a faculdade ativa do esquecimento que Nietzsche atribui ao nobre na *Primeira Dissertação* e que vincula à ação na *Segunda Consideração Intempestiva*. No entanto, Nietzsche indica a possível contradição que já constituía a mnemotécnica implicada na relação credor-devedor, ao instituir no homem uma força que atua ao contrário do esquecimento, que para Nietzsche:

não é uma simples vis inertiae [força inercial], como creem os superciais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar “assimilação psíquica”), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou “assimilação física”. Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tábula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) — eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento.⁵

No tipo reativo, esta força ativa do esquecimento é enfraquecida, e nisso mesmo consiste o seu ressentimento. A instituição da justiça se transforma então em vingança.

De acordo com Nietzsche, a relação credor-devedor, regulada pelo castigo, esteve por um período muito longo da humanidade desvencilhada da ideia de culpa ou de criminalização da vontade. O desvio dessa relação e o sentimento de culpa teriam sido originados por uma ficção que foi criada quando passou a predominar o ponto de vista do prejudicado. Essa ficção corresponde à ficção do sujeito e do livre arbítrio, que consiste na ideia de uma separação entre a ação e um sujeito que possui livre arbítrio para escolher agir ou não agir. Não haveria no entanto, nada além das forças, nenhum sujeito por trás das forças, nem liberdade da força de não ser força.

⁵ *Ibidem*, p. 36 (Segunda Dissertação, § 1).

Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um quantum de força equivale a um mesmo quantum de impulso, vontade, atividade — melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar, e apenas sob a sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petricaram), a qual entende ou mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante, um “sujeito”, é que pode parecer diferente. Pois assim como o povo distingue o corisco do clarão, tomando este como ação, operação de um sujeito de nome corisco, do mesmo modo a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que fosse livre para expressar ou não a força. Mas não existe um tal substrato; não existe “ser” por trás do fazer, do atuar, do devir; “o agente” é uma ficção acrescentada à ação — a ação é tudo.⁶

Essa ficção associada ao predomínio do ponto de vista do prejudicado são as condições sob as quais as forças reativas triunfaram e constituem faz parte do próprio modo de criação de valores do escravo. A relação entre as forças passa a ser entendida como uma oposição substancial (o bom e o mal), e não mais relacional definida pelo *pathos* da distância da valoração nobre (o bom e o ruim). Essa perspectiva, de que há responsabilidade mas não culpa, teria sido predominante durante toda a pré-história do homem, quando o castigo tinha a função de gravar uma memória e de gerar uma compensação que saldava a dívida, mas não de aprofundar um sentimento de culpa no devedor. Essa compensação se justificava por equivalência entre dano e dor, em que o prazer em ver o causador do dano sofrer equivalia ao dano causado⁷. O castigo assim, teria atrasado o surgimento da má consciência, não teria sido a sua origem. A origem da má consciência, para Nietzsche, corresponde ao momento em que o ser humano não teve mais como exteriorizar seus instintos e eles se voltaram contra ele próprio. Por isso, para Nietzsche, a má consciência surgiu quando a sociedade atingiu um estágio de paz e estabilizada, promovida principalmente pelo Estado, e teve seu ápice através

⁶ *Ibidem*, p. 17. (Primeira Dissertação, §14).

⁷ “O pensamento agora tão óbvio, aparentemente tão natural e inevitável, que teve de servir de explicação para como surgiu na terra o sentimento de justiça, segundo o qual “o criminoso merece castigo porque podia ter agido de outro modo”, é na verdade uma forma bastante tardia e mesmo refinada do julgamento e do raciocínio humanos; quem a desloca para o início, engana-se grosseiramente quanto à psicologia da humanidade antiga. Durante o mais largo período da história humana, não se castigou porque se responsabilizava o delinquente por seu ato, ou seja, não pelo pressuposto de que apenas o culpado devia ser castigado — e sim como ainda hoje os pais castigam seus filhos, por raiva devida a um dano sofrido, raiva que se desafoga em quem o causou; mas mantida em certos limites, e modificada pela ideia de que qualquer dano encontra seu equivalente e pode ser realmente compensado, mesmo que seja com a dor do seu causador.” (NIETZSCHE, 2009, p. 40).

da moralidade cristã. A dívida do indivíduo com Estado se torna insaldável, e a dívida com a divindade aprofundada.

Arte e ócio e a terra

A arte pode ser entendida como oposição⁸ à má consciência, ou seja, boa consciência, a partir de alguns aspectos, embora possa ser equivocado considerá-la como um mero meio para superar a má consciência, visto que na própria criação artística encontra-se a própria finalidade terrena. Em outras palavras, pode-se interpretar que a criação artística, quando alinhada com a própria vida e a serviço da própria vida, não está subordinada a nenhuma outra finalidade, e a superação do ponto de vista da utilidade e da subordinação à finalidade já designam uma reversão das relações de força que configuram a má consciência.

Nietzsche, no entanto, se opõe ao entendimento da arte como atividade desinteressada, como é o de Schopenhauer, para quem a arte configuraria um apaziguamento da vontade. Concepções como a de Schopenhauer possuem como fundo uma concepção da própria vida como meio para alguma outra ficção que deprecia a própria vida, seja ela a vida superior extraterrena ou progresso delimitado pelo sentido histórico em degeneração. Nesse sentido, para Nietzsche, a história, quando inverte sua relação de subordinação com a vida e passa a comandá-la, é o oposto da própria arte. Isso não significa que não esteja implicada na criação artística a possibilidade de construção do futuro, assim como essa possibilidade é um dos aspectos que opõem o sentido histórico e a arte. A arte, como criação descomprometida com uma finalidade que se atinge ao fim de um processo, se opõe ao estado degenerado que se atinge com o excesso de história⁹ que tem como característica um sistema

⁸ Oposição não dialética.

⁹ “Quanto mais a natureza mais íntima de um homem tem raízes fortes, tanto mais ele estará em condições de dominar e de se apropriar também do passado; e se se pensasse a natureza mais poderosa e mais descomunal, ela se faria reconhecer no fato de que não haveria para ela absolutamente nenhum limite do sentido histórico que possibilitasse a sua ação de maneira sufocante e nociva; aquele homem traria todo o passado para junto de si, o seu próprio passado e o que dele estivesse mais distante, incorporaria a si e como que o transformaria em sangue. O que uma tal natureza não subjuga, ela sabe esquecer; esse homem não existe mais, o horizonte está fechado e completo, e nada consegue fazer lembrar que para além deste horizonte há ainda homens, paixões, doutrinas, metas. E isto é uma lei universal; cada vivente só pode tornar-se saudável, forte e frutífero no interior de um horizonte; se ele é incapaz de traçar um horizonte em torno de si, e, em contrapartida, se ele pensa demasiado em si mesmo para incluir no interior do próprio olhar um olhar estranho, então definha e decai lenta ou precipitadamente em seu ocaso oportuno. A serenidade, a boa consciência, a ação feliz, a confiança no que está por vir — tudo isto depende, tanto nos indivíduos como no povo, de que haja uma linha separando o que é claro, alcançável com o olhar, do obscuro e impossível de ser esclarecido; que se saiba mesmo tão bem esquecer

mnemônico com a capacidade de esquecer debilitada e um futuro fixo já determinado pela ficção da dívida:

Não, se nós, convalescentes, ainda precisamos de uma arte, é de uma outra arte — uma ligeira, zombeteira, divinamente imperturbada, divinamente artificial, que como uma clara chama lampeje num céu limpo! Sobretudo: uma arte para artistas, somente para artistas! Nós nos entendemos melhor, depois, quanto ao que primeiramente se requer para isso, a jovialidade, qualquer jovialidade, meus amigos! também como artistas —: pretendo demonstrá-lo. Algumas coisas sabemos agora bem demais, nós, sabedores: oh, como hoje aprendemos a bem esquecer, a bem não saber, como artistas! E no tocante a nosso futuro: dificilmente nos acharão nas trilhas daqueles jovens egípcios que à noite tornam inseguros os templos, abraçam estátuas e querem expor à luz, desvelar, descobrir, tudo absolutamente que por boas razões é mantido oculto. Não, esse mau gosto, essa vontade de verdade, de “verdade a todo custo”, esse desvario adolescente no amor à verdade — nos aborrece: para isso somos demasiadamente experimentados, sérios, alegres, escaldados, profundos... Já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu... Hoje é, para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e “saber” tudo.¹⁰

Nietzsche defende uma arte não moralizada e irresponsável, que seja leve. A arte, como o modo nobre de criar valores, que não leva em conta a utilidade¹¹, tem ainda a propriedade de transvalorar, confundindo-se, assim com a própria vida que não está degenerada, com a vontade de dominar, de impor novos sentidos. Ao mesmo tempo em que estimula a vontade de potência, atua dominando, criando valores e transvalorando.

Do ponto de vista da relação de forças em um corpo¹², pode-se dizer que essa arte, em oposição à má consciência, é expressão de um corpo fisiológico saudável, em que a

no tempo certo quanto lembrar no tempo certo; que se pressinta com um poderoso instinto quando é necessário sentir de modo histórico, quando de modo a-histórico.” (NIETZSCHE, 2013, p. 10-11).

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia de Bolso (Ebook versão Kindle), 2012. p. 60-31 (§107).

¹¹ Sobre a criação de valores pelos nobres: “o juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o “bem”! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Desse pathos da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade! Esse ponto de vista da utilidade é o mais estranho e inadequado, em vista de tal ardente manancial de juízos de valor supremos, estabelecedores e denidores de hierarquias: aí o sentimento alcançou bem o oposto daquele baixo grau de calor que toda prudência calculadora, todo cálculo de utilidade pressupõe — e não por uma vez, não por uma hora de exceção, mas permanentemente” (NIETZSCHE, 2009, p. 12-13) (GM, Primeira Dissertação §2).

¹² Ao interpretar a filosofia de Nietzsche, Deleuze afirma: “a consciência é sempre consciência de um inferior em relação ao superior ao qual ele se subordina ou “se incorpora”, A consciência nunca é consciência de si. mas consciência de um eu em relação ao si que não é consciente. Não é consciência do senhor, mas consciência do escravo em relação a um senhor que não tem que ser consciente. Habitualmente a consciência só aparece quando um todo quer subordinar-se a um todo superior... A consciência nasce em relação a um ser do qual nós

consciência assume sua relação de obediência em relação às forças ativas do inconsciente, exercendo seu papel instrumental, não na condição de subordinar as forças inconscientes. Como superação da má consciência, ela pode ser entendida simultaneamente como meio e fim. Outro sentido da arte, mencionado por Nietzsche na citação anterior, é da boa consciência em relação à aparência, a afirmação da vida como ela é. Em todos os sentidos mencionados - da irresponsabilidade, da afirmação da vida como aparência, e da transvaloração dos valores- a ruptura com a ficção do sujeito separado da força torna-se uma condição ou um efeito. Considerar a arte como transvaloração depende inicialmente que se tenha uma concepção da interação de forças que ela não é substancial, e sim relacional. Não há como dominar algo, impor um novo sentido, partindo do pressuposto de que algo é essencialmente ruim ou bom. Não há também como criar irresponsavelmente, de forma leve sem romper com a ideia de que a vida é responsável, de que há uma responsabilidade por trás das forças que as torna culpadas por serem como são. Nem há, ainda como sustentar a vontade de verdade, que deprecia a vida, sem a ficção do sujeito, que torna a vida a culpada.

Ócio e Negócio

Em *A Crise da Filosofia Messiânica*, Oswald de Andrade desenvolve uma tese em que classifica as culturas e a história em dois hemisférios, o matriarcado antropofágico, que corresponde à pré-história e ao futuro utópico; e em patriarcado messiânico, que corresponde à própria história. Esses são dois hemisférios entre os quais as culturas e um período histórico podem pender, não sendo uma definição substancial das culturas, mas duas visões de mundo que se opõe. A visão de mundo messiânica, que também é a histórica, corresponde ao estado de negatividade do ser humano, ser humano se define a partir da própria negatividade. O fundamento da visão de mundo messiânica é a crença no juízo final, substituída pelo sistema de créditos de juros infinitos. José Miguel Wisnik, em *Desconstruindo o Futuro*, propõe a seguinte síntese do texto *A Crise da Filosofia Messiânica*:

Nele, o postulado da “devoração universal” (cuja instalação não-utópica vemos realizar-se hoje no capitalismo tecnologicamente digitalizado) é inseparável da crítica da “filosofia messiânica”, onde o horizonte do futuro carrega o peso da dívida impagável. Para Oswald, a

poderíamos ser função”. Este é o servilismo da consciência, ela atesta apenas “a formação de um corpo superior.” (DELEUZE, 1976, p. 21).

moderna “Economia do Haver”, que se contrapõe à “Economia do Ser”, e que é movida pelo princípio da dívida universal, vale como “estorno ideológico” do mito ancestral do Juízo Final, cuja desativação dependeria da derrogação lenta ou revolucionária das formas jurídicas patriarcais.¹³

A tese de Oswald de Andrade, que adota a leitura nietzscheana da dívida e retorna à antropofagia, incorpora ainda uma adaptação da “moralidade dos escravos” associada à uma releitura crítica de Marx, de Freud e Kierkegaard, entre outros. É possível identificar diversos alinhamentos¹⁴ de Oswald de Andrade com o pensamento de Nietzsche, especialmente com a Genealogia da Moral, desde o Movimento Antropofágico, em que definiu a antropofagia psicologicamente como uma elucidação da doutrina da queda e da formação da ideia de pecado¹⁵.

Na leitura antropofágica de Nietzsche, o que Oswald de Andrade contrapõe de forma mais emblemática à moral dos escravos é o ócio. Isso se deve ao fato de Oswald de Andrade identificar na valorização do trabalho¹⁶ uma das principais expressões da inversão de valores que teria sido responsável pela passagem do matriarcado ao patriarcado. Trata-se de uma inversão de meios e fins, em que a vida passa a estar subordinada ao trabalho e a técnica, enquanto o ócio, que é a esfera das finalidades, passa a se concentrar na vida após a morte, cujo acesso se daria pelo julgamento final. Assim como nos ideais ascéticos, nos termos nietzscheanos, no messianismo o homem é desligado da “terrena finalidade” através de uma ficção que desloca a finalidade para o futuro e transforma a vida em meio. A valorização do ócio está, portanto, vinculada à oposição às concepções utilitárias da vida e à noção de progresso que passam a subordinar a vida. Com o declínio do cristianismo, o juízo final enquanto horizonte fixo de futuro é substituído pelo crédito:

¹³ WISNIK, Joé Miguel. *A Desconstrução do Futuro*. Arte Pensamento-Instituto Moreira Sales, 2013. Disponível em < <https://artepensamento.ims.com.br/item/a-desconstrucao-do-futuro/> > Acesso 24 out 2022.

¹⁴ Esse alinhamento é explicitado pelo Oswald de Andrade: “A Filosofia nunca foi uma disciplina autônoma. Ou a favor da vida ou contra ela, iludindo os homens ou neles acreditando, a Filosofia dependeu sempre das condições históricas e sociais em que se processou. Eis a primeira afirmação da presente tese que coincide não somente com Karl Marx, mas com Kierkegaard e Friedrich Nietzsche. (ANDRADE, 1970 p. 79).

¹⁵ Ao longo de textos publicados na Revista de Antropofagia, do Diário Confessional e da própria A Crise da Filosofia messiânica há também referências freudianas referentes à origem do “tabu” que Oswald de Andrade faz, além da Genealogia da Moral.

¹⁶ “O homem não é homem senão pela sua negatividade, isto é, no quanto ele nega esse dado, no quanto ele se nega a si mesmo como dado, enquanto, como natureza e liberdade, ele constitui precisamente essa negação do dado e assim se manifesta pelo trabalho e no trabalho”. Eis a antítese. Kojeve, vindo ao segundo termo, também afirma: “O homem não existe por si, senão na medida onde implica em seu ser, na sua existência e na sua aparição, o elemento constitutivo da negatividade”. (ANDRADE, 1970, p. 80).

Contra o Sacerdócio, que é ócio sagrado, surge» na sua virulência, o negócio que é a negação do ócio. E sobre o dinheiro-papel, sobre o crédito e a transação fiduciária ergue-se o mundo do banco, do comércio e da indústria. É no fiado que o mundo se transforma. O crédito baixa à terra, descido das promessas de uma sobrevivência inútil como um bocejo eterno. A burguesia é a ação, a inquietude, a graça imediatamente negociada. Pode esmagar os fracos que se interpuserem em seu caminho. A justificação pela fé é a grande arma do arbítrio. Parece que o pecador Lutero teme a justiça de Deus. "Só a graça é que salvai", clama ele num desespero. Na luta contra o Papado, apela para o poder secular e proclama que o príncipe pode definir o dogma. Mas, nas asas ao negócio, Lutero colocava a destruição da própria fé.¹⁷

Em *A Antropofagia como visão de mundo*, e na Segunda Dentição da Revista de Antropofagia, Oswald de Andrade expõe uma versão antropofágica de uma teoria de forças que possui algumas analogias com a concepção nietzscheana de forças. Essa teoria das forças, apesar de não estar explícita em *A Crise da Filosofia Messiânica* possui alguns elementos que colaboram para a compreensão do que é o estado de negatividade que configura o Patriarcado Messiânico. Em texto assinado por "Freudericó", pseudônimo de Oswald de Andrade que possivelmente é a fusão dos nomes Freud e Friedrich Nietzsche, o autor discorre sobre a introversão dos instintos e menciona as forças:

Toda legislação é perigosa. Por um fenômeno que chamamos "Mecanismo de Introversão", o homem é um animal que pluraliza. Pluraliza e inventa o conceito. Sobre o conceito constroe e legisla. Cria o tabu [...] Todo o nosso julgamento obedece o critério biológico. Ao que é favorável, chamaremos bom, justo, higiênico, gostoso. Ao que é desfavorável chamaremos perigoso, besta, etc. É a única introversão que nos permitimos. [...] O índio não tinha o verbo ser, daí ter escapado ao perigo metafísico que todos os dias faz do homem paleolítico um cristão de chupeta, um maometano, um budista, enfim, um homem moralizado. Um sabiozinho carregado de doenças.[...] Dessa divisão das humanas hipóteses (filosofias, religiões), em forças positivas e forças negativas, forma-se o nosso julgamento ético e estético [...] Marx- errou porque o que interessa não são os meios de produção, mas o consumo.¹⁸

A passagem "o índio não tinha o verbo ser" expressa uma convergência importante com Nietzsche sobre a ficção do sujeito separado da ação, como um erro de linguagem. Isso expressa uma concepção de forças que são determinadas pela relação, não como oposições

¹⁷ ANDRADE, O. "A Crise da Filosofia Messiânica". In: *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, pp. 75-138, pp. 107-108.

¹⁸ FREUDERICO. *De Antropofagia*. IN: Revista de Antropofagia (ed. fac similar Revistas Revistas). São Paulo: Abril/ Metal Leve: 1975. (Segunda Dentição).

substanciais. A inversão de valores que coloca a vida como meio e os meios como finalidade, como teria feito o próprio Marx ao inverter produção e consumo, possui uma conexão intrínseca com uma inversão de uma ordem natural, na qual o ser é subsumido pelo movimento e subordinado à devoração, torna-se essência:

O que se tenta pelas formas audazes ou dissimuladas da filosofia contemporânea é restaurar, através do existencialismo, da axiologia, da fenomenologia e mesmo do marxismoleninismo, o Ser como tal em seu trono absolutista. O Ser como tal, o grande impostor da velha Metafísica, está no fundo da redução eidética de Husserl. Se não dermos à moderna fenomenologia o valor apenas metodológico que ela tem, estamos de volta a todas as formas de exaltação do conceito de Ser, de Parmênides. O que é apenas coordenada, momento estável de uma simples relação de movimento, passa a ser transfigurado em motor-imóvel. Em vez de se colocar simplesmente entre parêntesis o mundo fático para se trabalhar com a essência, transmuta-se esta em Ser necessário e anterior, vindo-se a contribuir, assim, para uma última reencarnação do Idealismo¹⁹.

O “ser” em Oswald de Andrade deriva da própria noção de Deus, que é expressão máxima da força negativa. Em *A Antropofagia como visão do mundo* e na Segunda Dentição da Revista de Antropofagia²⁰, Oswald de Andrade apresenta uma qualificação das forças em que a força positiva corresponde à terceira dimensão, que a é biológica/espacial, enquanto a dimensão negativa corresponde à quarta dimensão, o tempo. A atividade das duas forças corresponde a distintas formas de devoração. A devoração positiva e biológica corresponde à própria operação antropofágica, que é a transformação do tabu em totem.²¹ A força negativa é o próprio tabu, e sua devoração consiste em restringir a força positiva. A partir dessa divisão, Oswald de Andrade divide ainda o universo em “métrico e não métrico”, em que o métrico é o negativo, e o não métrico o positivo. Dessa divisão do universo em métrico e não métrico, ele estabelece uma das variações da fórmula antropofágica:

¹⁹ ANDRADE, O. “A Crise da Filosofia Messiânica”, p. 123.

²⁰ “ 9 - Mundo. Equação Objeto- Energia-objeto. O drama se desenvolve porque toda afirmação temporal é balizada por uma negação especial. Antropofagia. 11- O que foi alma é só o aparelho mnemônico-telepático com toda a virulência das suas raízes freudianas e a sua potência de transformador gestalista- encaixada numa cabina física cujo raio de ação não atinge mais do que horizonte de pedrada” (ANDRADE, 1975, Segunda Dentição).

²¹ “A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizarem o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite? Enquanto na sua escala axiológica fundamental, o homem do Ocidente elevou as categorias do seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta.” (ANDRADE, 1990, p. 77-78).

Que é a vida senão a absorção favorável do universo métrico? Uma segunda operação aparece como um corolário: a transformação do universo não métrico no universo métrico. Será a criação do tabu, donde se originaram todas as legislações humanas, todas as estéticas e todas as morais.²²

A convergência que Oswald de Andrade propõe entre Deus e o tempo não indica uma concepção do tempo como o movimento, mas como a eternidade e a imutabilidade:

É tão agarrado ao homem o sentido dessa negação que a vida traz em si, que isso constitui o fundo comum e o segredo psíquico de todas as religiões. Deus é a vasta e imutável noção do Contrário. Exorcismá-lo, aplacá-lo, desenfurecê-lo, eis a obsessão do homem perdido no mistério dramático do cosmo. Essa certeza de um elemento hierárquico superior que o contraria salta-lhe da boca a cada topada psíquica. E toda vez que alguém na terra impreca, blasfema ou ora, a sombra onipresente da negação se afirma.²³

O que prenderia o ser humano no estado de negatividade, que Oswald de Andrade em outros momentos vinculou ao messianismo e ao patriarcado, seria um equívoco, uma não percepção da relatividade do tempo que corresponderia a uma relatividade da própria ideia de Deus. Isso, em seus termos, indica que na ordem natural e da qual os indígenas nunca se desvencilharam, as forças negativas estão subordinadas às positivas, o tempo ao espaço, o ser ao corpo.

Tudo que se afirma traz em si sua própria negação. A toda afirmação espacial corresponde uma negação temporal. A sabedoria popular brasileira, que nunca perdeu o sentido antropofágico, afirmara antes de Einstein que “cada coisa tem seu tempo”.²⁴

O predomínio da negatividade indica uma restrição corpórea, imobilidade, e talvez o que Oswald de Andrade chamou no Manifesto Antropófago de “ideias fixas”, e a “memória como fonte de costume”, o juízo final messiânico como futuro fixo. Indica também o Estado, Deus, as leis e as autoridades com fins em si mesmos que subordinam a vida e o movimento e transformam a vida em meio.

²² ANDRADE, O. “A Antropofagia como visão do mundo”. In: PINTO, M. (org) *Diário Confessional*. São Paulo: Companhia das Letras (Ebook, versão Kindle), 2022. pp.621-676, p.630.

²³ *Ibidem*, p. 625.

²⁴ *Ibidem*, p. 628.

Espacialidade e o vínculo com a terra

A constante lúdica é um dos fios condutores que Oswald de Andrade adota para a sua abordagem da história mundial. Essa “constante lúdica”, que possui como uma de suas expressões, o “sentimento órfico”, é um aspecto em torno dos quais o autor propõe a existência de dois hemisférios, cuja predominância determinada a passagem de um ciclo histórico a outro. No matriarcado, sentimento órfico ligaria o ser humano à terra. No messianismo, o sentimento órfico seria desviado da terra a apropriado por líderes messiânicos (políticos e religiosos) e por ideias e crenças em diversas instâncias, entre elas as políticas, filosóficas e religiosas. Do matriarcado ao messianismo teria havido, então, um desvio da constante lúdica que teria resultado da repressão do instinto antropofágico. Esse desvio, de acordo com o que foi discutido, possui consonâncias com o desvio do sentido da dívida e da emergência de uma temporalidade linear. Pode-se então, considerar que há uma forma de temporalidade no patriarcado que é inversamente proporcional à ligação com a terra.

O reestabelecimento da ligação com a terra possui um papel destacado na perspectiva antropofágica desde o período da vinculação de Oswald de Andrade ao Movimento Antropofágico e está relacionado com a pretensão revolucionária, utópica e anticolonial do movimento. Essa abordagem da terra ocorre em torno de uma interpretação da cultura brasileira e da história mundial, integrando aspectos psicológicos, antropológicos, sociais, filosóficos e estéticos. Identificando na natureza repressiva de um aparelhamento colonial o desdobramento do caráter doentio inerente à civilização, propunham a “antropofagia”, propriedade do funcionamento da própria terra e intrínseca aos corpos biológicos, a resposta aos problemas do “homem vestido”. Em um texto denominado “a propósito do ensino antropofágico”²⁵, Sezefredo Garcia de Rezende defende que o ensino seja apoiado nas relações diretas do ser humano com seu meio físico, repelindo o que seria uma “antiga pedagogia que pleiteava a uniformidade da alma humana por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizada”. Neste texto, Rezende defende a ideia de que o meio físico brasileiro é receptor e irradiador das “mais violentas energias cósmicas”, exercendo “ferozmente” a antropofagia. Isso significa, segundo ele, que ela destrói e assimila

²⁵ REZENDE, S. G. de. “A propósito do ensino antropofágico”. Revista de Antropofagia (2ª denteção, p.10). (fac-simile). São Paulo: Abril, Metal Leve, 1975.

qualidades, o que teria feito com que o colonizador precisasse lutar com as energias dominadoras da terra, perdendo sua raça e servindo de “material humano” para uma nova humanidade, exercendo uma função depurativa.

O entendimento da terra como antropófaga também está presente em um texto da Segunda Dentição da revista com o título “algumas notas sobre o que já se tem escrito em torno da nova descida antropofágica na nossa literatura”, sem assinatura e constando “remetida de Sucursal do Rio para cá”. Nesse texto, há uma citação de Oswald de Andrade que afirma que “a antropofagia é o culto à estética instintiva da terra nova. É a redução a cacarecos de ídolos importados para ascensão do tótems raciais. É a própria terra da América filtrando, expressando através do temperamento vassalo de seus artistas.” Raul Bopp, alinhado com esse pensamento, referiu-se à Antropofagia como uma busca por um Brasil profundo, ainda por se revelar e encoberto por uma fisionomia externa. Essa ideia já era predominante no Regionalismo, que valorizava a terra e a aproximação da cultura com a terra, como no caso do sertanejo, que seria tido como a expressão real do Brasil em oposição às metrópoles litorâneas. Essa valorização, no entanto, era muitas vezes acompanhada de uma crítica à modernização, de uma tentativa de construir uma identidade nacional e de uma oposição às influências estrangeiras. Na Antropofagia, mantém-se a valorização da terra e das forças telúricas, mas em outros sentidos. A ideia de Brasil profundo aproxima-se, então, da ideia de expressão das forças naturais que constituem o território, mais do que da ideia de uma unidade nacional brasileira. Isso fica mais claro no pensamento de Oswald de Andrade do que no restante dos antropófagos, que não enfatizavam o nacional, mas não se opunham. Oswald de Andrade, por outro lado, rejeitava ideias ufanistas, e sua aproximação com pensamento de Stirner, declarada no Diário Confessional, reforçam esse posicionamento. O telúrico se mostra, no decorrer do pensamento de Oswald de Andrade, como as forças imanentes da terra que se opunham a uma ideia transcendental de nação que neutralizaria as singularidades. Raul Bopp, no entanto, ainda se aproximava dos movimentos precedentes:

O movimento, portanto, seria a descida às fontes genuínas, ainda puras, para captar os germens da renovação, retomar esse Brasil, subjacente, de alma embrionária, carregando de assombro, e procurar uma síntese cultural própria, com maior densidade de consciência nacional.²⁶

²⁶ BOPP, R. *Vida e Morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006 (ebook), p. 29

Na Revista de Antropofagia, esse Brasil profundo e verdadeiro, foi chamado de Brasil caraíba. Tratava-se de identificar o conflito entre dois Brasis, o caraíba e outro “que só carrega o nome”, mantido por uma elite europeia que mantinha o aparato colonial do país. Os livros Cobra Norato de Raul Bopp; Macunaíma de Mario de Andrade e as pinturas de Tarsila do Amaral são obras emblemáticas do Movimento Antropofágico e que surgiram de incursões de seus autores ao interior do país.

Considerações finais

A “antropofagia” como estratégia anticolonial pode sugerir uma reversão (ou desinversão) da relação espaço-tempo que reverta a subordinação do espacialidade à temporalidade. A identificação do tempo como uma dimensão negativa, no entanto, não pressupõe uma restrição ou qualquer forma de supressão da temporalidade e de suas instâncias, como a memória, o futuro e os deuses. Enquanto a subordinação da espacialidade ao tempo envolve uma restrição da espacialidade (e de suas variações, como a diferença, o biológico, a ligação com terra), o contrário envolve a permanente transformação de seu princípio contrário. A “antropofagia” como estratégia anticolonial pode sugerir uma reversão (ou desinversão) da relação espaço-tempo que reverta a subordinação do espacialidade à temporalidade. A identificação do tempo como uma dimensão negativa, no entanto, não pressupõe uma restrição ou qualquer forma de supressão da temporalidade e de suas instâncias, como a memória, o futuro e os deuses. Enquanto a subordinação da espacialidade ao tempo envolve uma restrição da espacialidade (e de suas propriedades, como a diferença, e o biológico), o contrário envolve a permanente transformação de seu princípio contrário. Assim, não se propõe uma sociedade sem memória ou sem futuro, assim como o matriarcado não seria uma cultura que exclui a categoria de sobrenatureza, o que fica claro nas menções referentes ao xamanismo presentes no Manifesto Antropófago. O que se transforma ou se suprime nesse caso, embora não permanentemente, é a própria separação entre os mundos, separação em que reside a negatividade relativa. A possibilidade de supressão da distância depende de uma propriedade importante da dimensão espacial (dos corpos e da própria terra), que é a permeabilidade das fronteiras. Assim, as fronteiras não formam polos essencializantes ou substanciais, mas configuram as diferenças e que permitem a perpetuação do movimento

permanente de transformação do tabu em totem, que depende da oposição relativa e não substancial entre dentro e fora, o “eu” e o “outro”.

A não supressão da temporalidade também fica explícita no teor utópico da antropofagia. A utopia, antropofágica, no entanto, é subordinada à “terrena finalidade”. Algumas possíveis referências ao profetismo tupi²⁷ presentes no manifesto também indicam a presença da espacialidade como elemento central da estratégia antropofágica: “migrações” contra os “estados tediosos”.

Quanto à dívida, a perspectiva nietzscheana, pode sugerir ou a restituição de seu papel enquanto meio mnemotécnico e não finalidade (produzir o humano que sabe cumprir promessas e criar a produzir uma memória em função do futuro), ou ainda a sua abolição (após o alcance da finalidade). Em o “Anti-Édipo”, Deleuze e Guattari²⁸, seguindo a interpretação nietzscheana da dívida, identificam um tipo de dívida que antecede o surgimento do Estado. Essa dívida é a dívida finita, ao contrário da dívida infinita pós-surgimento do Estado. Embora a dívida finita possua um aspecto de infinitude, pois o

²⁷ A interpretação de Helene Clastres em relação ao profetismo tupi pode contribuir para a discussão de um sentido utópico, inclusive o antropofágico-oswaldiano, que se opõe ao messianismo tupi e em dois aspectos importantes, o da temporalidade e o da “Terra Sem Mal” como um lugar acessível espacialmente (seu acesso é espacial, depende das migração e, não é um acesso dependente de um horizonte fixado no futuro- há uma via espacial e uma permeabilidade geográfica. “Morada dos ancestrais, sem dúvida, a Terra sem Mal também era um lugar acessível aos vivos, onde era possível, “sem passar pela prova da morte”, ir de corpo e alma. Se tivessem prestado atenção, os cristãos não teriam deixado de perceber que eram uma única coisa a terra de “além das montanhas”, morada das almas, e esse outro lugar em que a terra produz sem semente e não há morte, que os profetas prometiam aos índios. Teriam sido confrontados, então, com o que não poderia deixar de lhes aparecer como escândalo ou incompreensível loucura: uma religião em que os próprios homens se esforçam por se tornar semelhantes -aos deuses, imortais como eles” (CLASTRES, Hélène. Terra Sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani. Trad. Renano Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 31).

²⁸ Sobre a Dívida Infinita: “Apoiando-se nas pesquisas de Will, Michel Foucault mostra como em certas tiranias gregas o imposto sobre os aristocratas e a distribuição de dinheiro aos pobres são um meio de trazer o dinheiro de volta aos ricos, de alargar singularmente o regime das dívidas, de o tornar ainda mais forte, prevenindo e reprimindo toda reterritorialização que pudesse ocorrer através dos dados econômicos do problema agrário.[...]Em suma, o dinheiro, a circulação do dinheiro, é o meio de tornar a dívida infinita. Eis o que os dois atos do Estado escondem: a residência ou territorialidade do Estado inaugura o grande movimento de desterritorialização que subordina todas as filiações primitivas à máquina despótica (problema agrário); a abolição das dívidas ou sua transformação contábil inaugura um interminável serviço de Estado interminável, que subordina a si todas as alianças primitivas (problema da dívida). O credor infinito, o crédito infinito substituiu os blocos de dívida móveis e finitos. Há sempre um monoteísmo no horizonte do despotismo: a dívida devém dívida de existência, dívida da existência dos próprios sujeitos. Vem o tempo em que o credor nada emprestou ainda, ao passo que o devedor não para de pagar, porque pagar é um dever, mas emprestar é uma faculdade [...]” DELEUZE, G.; GUATTARI. *O Anti-Édipo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Ed. 34, 2010, p. 262.

pagamento de uma dívida gera outra dívida, há uma permutabilidade²⁹ dos polos “credor-devedor”. Nesse sentido, o futuro é alcançado, não há um horizonte fixo inatingível. É possível, assim, discutir a dívida a partir da temporalidade e das relações de poder: o Estado como credor fixo que se transforma em poder coercitivo externo. Esse tema também está presente em Nietzsche, que associa a má consciência ao aprofundamento da dívida da sociedade com o Estado, que deixa de ser meio e passa a ser um fim que restringe a relação de forças da própria vida.

Referências bibliográficas

ANDRADE, O. “A Antropofagia como visão do mundo”. In: PINTO, M. (org) *Diário Confessional*. São Paulo: Companhia das Letras (Ebook, versão Kindle), 2022, pp. 621-676.

ANDRADE, O. “Sobre as psicologias finalistas- depois da behaviour e da gestalt – a cabina ptolomaica – o horizonte telepático e o horizonte de pedrada – introversão e exogamia”. In: *Revista de Antropofagia*. (ed. Fac similar Revistas Revistas). São Paulo: Abril/ Metal Leve: 1975. (Segunda Dentição).

ANDRADE, O. “A Crise da Filosofia Messiânica”. In: *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. pp. 75-138.

CARNEIRO DA CUNHA, M.; VIVEIROS DE CASTRO, E.B. “Vingança e Temporalidade: os Tupinambá”. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 71, 1985. pp. 191-208.

²⁹ A permutabilidade dos polos credor-devedor é um aspecto importante também do ritual guerreiro tupinambá, no qual se inseria a prática da antropofagia. A análise de Manuela Carneiro da Cunha e Viveiros de Castro estabelece de forma clara a relação entre a prática da antropofagia ritual entre os tupinambás e a temporalidade, propondo uma subordinação da espacialidade à temporalidade, que é o contrário do que, a princípio, parece ser o defendido aqui, mas que pode contribuir para a compreensão do tema e para pensar outras formas de relação espaço-temporal: “Resumindo : o nexa da sociedade tupinambá é a vingança. Mas a vingança não é outra coisa senão um elo entre o que foi e o que será, os mortos do passado e os mortos por vir ou, o que dá no mesmo, os vivos pretéritos e os vivos futuros. Dizer que seu nexa é a vingança é portanto dizer da sociedade tupinambá que ela existe na temporalidade, que ela se pensa a si mesma como constituída no tempo e pelo tempo. Dependente do que lhe é exterior, a sociedade tupinambá faz da morte em terreiro e com devoração a morte honrosa por excelência : é ela quem garante a memória. Memória que não é, como vimos, a imortalidade pessoal que o herói grego alcança pela morte gloriosa, imortalidade constituída pela fama entre os homens (J. P. Vernant 1982 e 1983), mas memória cujo único conteúdo é a vingança de que a vítima é o resultado mas também o penhor. Enquanto resultado de vinganças anteriores, ela garante a existência do grupo que o devora, enquanto penhor de novas vinganças, a do grupo a que pertence. Mas em ambos aspectos e para ambos os grupos, a vingança é o fio que une o passado e o futuro e nesse sentido vingança, memória e tempo se confundem”. (CARNEIRO DA CUNHA, M.; VIVEIROS DE CASTRO, E.B. “Vingança e Temporalidade: os Tupinambá”. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 71, 1985. p. 201).

CLASTRES, Hélène. *Terra Sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani*. Trad. Renano Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1978.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI. *O Anti-Édipo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Ed. 34, 2010.

FERNANDES, Florestan. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

FREUDERICO. “De Antropofagia”. In: *Revista de Antropofagia* (ed. fac similar Revistas Revistas). São Paulo: Abril/ Metal Leve: 1975. (Segunda Dentição).

NIETZSCHE, F. *A Vontade de Poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral- Uma polêmica*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia de Bolso (Ebook versão Kindle), 2009.

NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiado Humano- Um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia de Bolso (Ebook versão Kindle), 2005.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração Intempestiva: sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2013.

BOPP, Raul. *Vida e Morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006 (ebook).

VIVEIROS DE CASTRO, E. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. (versão ebook LeLivros)

WISNIK, J. M. “A (Des)Construção do Futuro”. In: *Arte Pensamento-Instituto Moreira Sales*, 2013. Disponível em <<https://artepensamento.ims.com.br/item/a-desconstrucao-do-futuro/>> Acesso 20 abril 2024

Recebido em: abril de 2024.
Aprovado em: abril de 2024.